

GT 02: PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR

**OS PROCESSOS DE ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO ENQUANTO SUJEITOS SOCIAIS**

Ellem Ellyzabeth Barbosa Quirino
URCA – Missão Velha
ellem.ellyzabeth@gmail.com

Cícera Janaína Rodrigues Lima
URCA – Missão Velha
janainarodrigueslima@live.com

RESUMO

A escrita tem importância fundamental na vida do ser humano, mas para que ele domine esta prática é preciso que tenha conhecimento das suas técnicas e os diversos gêneros textuais, e isso se dá através do ensino e da prática da escrita em sala de aula. Esse trabalho tem como objeto de estudo o foco nas dificuldades em relação à escrita apresentadas pelos alunos de Ensino Médio, que muitas das vezes escrevem não por prazer, mas por ser uma obrigação, algo que os fará receber a nota no fim do ano. Para isso nosso objetivo é compreender a escrita enquanto objeto de interação social na formação dos sujeitos envolvidos no processo e como os alunos lidam com essa prática em sala de aula. Usamos como aporte teórico as definições sobre escrita de Queiroz (2005), das análises de gênero e produção textual realizadas por Marcuschi (2008), as experiências de práticas de ensino e de correção de textos descritas por Passarelli (2012), os estudos do texto como instrumento de interação social realizados por Cavalcante (2016) e os estudos de gênero no contexto brasileiro de Bezerra (2017). Com isso, podemos entender que a escrita é uma atividade essencial na vida dos sujeitos enquanto construtores da sua própria identidade e vemos que ela tem fundamental importância como uma prática de interação social.

Palavras-chave: Escrita. Gêneros. Interação social.

1. INTRODUÇÃO

A escrita é algo de fundamental importância na vida de um estudante e para que ele domine esta prática é preciso que tenha conhecimento das suas técnicas e os diversos gêneros textuais, e isso se dá através do ensino e da prática da escrita em sala de aula, esse processo ocorre a partir do momento em que o aluno entende que “produzir e entender textos não é uma simples atividade de codificação e decodificação” (MARCUSCHI, 2008, p. 99).

Assim, entendemos que para escrever é necessário um conhecimento linguístico, enciclopédico, contextual e cognitivo e não apenas conhecer, mas saber usar esses conhecimentos para transformar aquilo que se quer dizer, pois o texto não é apenas decodificar símbolos ou um fenômeno linguístico, mas é uma forma de interação social em que os sujeitos interagem a partir do que se está sendo estudado e/ou falado.

Dessa maneira, destacamos como é de grande importância o desenvolvimento de estudos em relação à atividade de escrita, pois o que vemos muito hoje é a falta da qualidade da escrita dos estudantes, isso não se dá apenas pela falta de desinteresse destes, mas também

pela falta de diálogo com sujeitos envolvidos no processo de escrita e atividade sistemática relacionada à escrita, que quando ensinam produção textual mostram apenas alguns gêneros textuais e cobram apenas aquele que será cobrado em avaliações.

Seguindo essa linha de pensamento, Passarelli (2012, p. 40) afirma que “a própria escola contribui para o desgosto dos estudantes em relação à escrita”, pois os professores cobram, na maioria das vezes, apenas um tipo de gênero textual, e não para que o aluno escreva por ter prazer na atividade escrita, mas porque é necessário para que ele consiga realizar as atividades externas a que são submetidos.

Deste modo, este trabalho foca-se nas dificuldades em relação à escrita apresentadas pelos alunos de Ensino Médio, que escrevem não por prazer, mas por ser uma obrigação, algo que os fará receber a nota no fim do ano, isso nos traz a seguinte reflexão: como acontecem os processos de escrita no Ensino Médio e como os alunos veem a escrita na construção de sua identidade enquanto sujeito social? Diante do questionamento, pretendemos compreender a escrita enquanto objeto de interação social na formação dos sujeitos envolvidos no processo, e como os alunos lidam com essa prática, visto que escrever requer dedicação e tempo e que é preciso mostrar aos nossos alunos a importância que a escrita apresenta social e culturalmente.

Portanto, entendemos a relevância da pesquisa para o ensino de diversas práticas e gêneros textuais em sala de aula, pois ao saírem do Ensino Médio muitos alunos ingressarão no Ensino Superior, o que acarretará graves dificuldades quando eles precisarem lidar com gêneros acadêmicos e outros gêneros textuais até então desconhecidos devido a falta de ensino nas escolas.

Em síntese, para a realização desse trabalho será feita uma revisão bibliográfica a partir das definições sobre escrita de Queiroz (2005), das análises de gênero e produção textual realizadas por Marcuschi (2008), as experiências de práticas de ensino e de correção de textos descritas por Passarelli (2012), os estudos do texto como instrumento de interação social realizados por Cavalcante (2016) e os estudos de gênero no contexto brasileiro de Bezerra (2017).

2. OS PROCESSOS DA ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Para estudarmos o processo de escrita é preciso entendermos a sua importância para a convivência com a sociedade, pois é um processo interacional, as pessoas se comunicam

umas com as outras também através da escrita, e um texto publicado hoje pode afetar pessoas daqui a 100 (cem) anos, por exemplo, por isso a sua importância, pois a escrita “é a fixação da linguagem falada numa forma permanente ou semipermanente” (QUEIROZ, 2005, p. 2).

Quando o aluno vai escrever é necessário que haja o entendimento de que para escrever um texto ele não apenas precisa ter o conhecimento teórico, mas que escrever é, também, uma prática de interação social, por isso é preciso que ele saiba que a língua é um objeto social, ela está ligada à sociedade a que está inserida, como nos afirma Marcuschi (2008, p. 52) “a língua não é estanque e varia ao longo do tempo, inclusive na escrita”, assim entendemos que ela pode mudar de acordo com o tempo.

Outro fator importante a ser entendido é que para escrever é preciso que haja um conhecimento dos gêneros textuais, um texto não pode ser reduzido apenas nos aspectos coesivos e para entender os aspectos discursivos é preciso que haja a compreensão de que há uma variedade de gêneros que se configuram a partir de um propósito comunicativo, assim entendemos que “os gêneros se diversificam de acordo com a situação imediata de comunicação” (CAVALCANTE, 2016, p. 46) e são eles que tornam um discurso legítimo.

Para escrever qualquer texto é preciso haja a compreensão do que estamos escrevendo, o que são gêneros textuais e que entendamos as diferenças entre tipo e gênero textual, pois é bastante comum virmos pessoas com dificuldades de diferenciarem o tipo textual do gênero textual.

Com a definição de gênero e tipo textual podemos perceber que há, muitas das vezes, um equívoco quanto à sua diferenciação, pois “o gênero é reduzido a uma sequência ou tipo textual” (BEZERRA, 2017, p. 43), pois é comum virmos alunos caracterizando seus textos como Gênero Dissertativo, por exemplo, e esse equívoco se dá, grande parte das vezes, pela falta de compreensão da diferença entre o que é o gênero e o que é o tipo textual.

Os tipos textuais, segundo a definição de Marcuschi (2008, p. 154), são caracterizados “muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados”, os tipos são modos textuais e se limitam aos já existentes, nós apenas vemos os mesmos tipos textuais, são eles: narrativo, injuntivo, descritivo, dissertativo e expositivo. Enquanto os gêneros textuais são, segundo Marcuschi (2008), textos que encontramos no nosso dia a dia. Os gêneros são ilimitados e apresentam-se de diferentes formas. Também não

são estáticos, como os tipos textuais que são somente os 5 (cinco) tipos, mas podem surgir novos de acordo com a necessidade social.

Apesar de tratarmos e percebermos as diferenças entre esses dois, não podemos dizer que eles são dicotômicos, mas é importante a visão de que eles “não subsistem isolados nem alheios um ao outro”, (MARCUSCHI, 2008, p. 156), mas que eles são integrados um ao outro, pois ao recorrermos aos gêneros textuais, para escrevemos, por exemplo, uma reportagem jornalística, ao descrevermos o local, ao situarmos tempo e espaço, tudo isso são tipos textuais que estaremos usando, por isso dizemos que eles se complementam e são integrados.

Marcuschi (2008, p. 156) afirma que os gêneros “nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias”, mas que de alguma forma eles fazem com que a nossa escrita seja limitada, mas que é preciso que compreendamos que eles não são isolados, eles apresentam-se de forma dinâmica e mesmo que nos imponha a alguns padrões a serem seguidos, eles nos dão a liberdade de escolha, criatividade, para a produção do nosso texto.

Partindo do estudo de análise e compreensão dos gêneros textuais, podemos levar em consideração o que nos afirma Marcuschi (2008, p. 156) que esses “são formas constitutivas do texto em funcionamento”, se entendermos essa afirmação, podemos perceber que a grande dificuldade no ensino de produção textual, hoje, é exatamente a falta de compreensão dos gêneros textuais, e a delimitação da correção de um texto apenas pelos seus aspectos gramaticais e ortográficos, fugindo da análise de se o aluno se adequa ao que foi proposto e os mecanismos de interação social usados por ele para convencer o público leitor da sua opinião.

Desta forma entendemos que “o texto não é apenas um sistema formal e sim uma realização linguística a que chamamos de evento comunicativo e que preenche condições não meramente formais”, Marcuschi (2008, p. 94), assim, vemos que o texto é uma forma de interação social, por isso é importante que a sua correção seja feita também com base nos argumentos produzidos e não apenas reduzi-lo a uma construção gramatical.

Seguindo esse pensamento entendemos que a escrita é um processo construtivo do ser humano que vai se construindo a partir do seu contato com a leitura e outras atividades envolvidas nesse processo, escrever não é apenas desenhar letras sobre um papel, mas requer conhecimento e dedicação. Para isso, Passarelli (2012, p. 44) nos diz que “escrever não é

tanto uma questão de inspiração, mas de transpiração”, pois é preciso um esforço para que haja o desenvolvimento da escrita.

Nesta perspectiva compreendemos que a grande dificuldade de muitos estudantes é a falta da prática da escrita, pois muitos apenas querem usar textos prontos e não se dedicam a aperfeiçoarem essa prática, seja por falta de interesse, falta de incentivo ou até mesmo pelo desgosto em relação à escrita devido o mau ensino e a má correção dos textos escritos por eles.

A falta de correção dos textos escolares ou até mesmo a má correção desses textos é um fator extremamente responsável para a falta de interesse dos alunos em escrever, pois na hora da correção dos textos os professores focam apenas nos aspectos coesivos e esquecem-se que “a coesão não é nem necessária nem suficiente, ou seja, sua presença não garante a textualidade e sua ausência não impede a textualidade” (MARCUSCHI, 2008, p. 104), pois o texto não é formado apenas de aspectos coesivos, e a observação apenas desses aspectos faz com que muitos alunos tirem notas baixas nos seus textos e não tenham vontade de escrever.

Outro fator que é bastante responsável pela falta de interesse dos alunos na escrita são os temas que, muitas das vezes são propostos, como afirma Passarelli (2012, p. 60), um dos motivos para que os alunos não queiram escrever “é que, em geral, os temas propostos para as redações estão distantes da realidade dos alunos”, pois torna para eles uma dificuldade, escreverem textos de temas que eles não têm no seu cotidiano e que não estão nem próximos de sua realidade.

Desta forma, entendemos a escrita como uma atividade essencial na vida dos sujeitos enquanto construtores da sua própria identidade e vemos a sua importância como uma prática de interação social, levando em consideração que “o texto é uma (re)construção do mundo” (MARCUSCHI, 2008, p. 72) e por isso envolve não somente aspectos linguísticos, mas aspectos cognitivos e sociais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesses estudos, podemos perceber que a escrita tem uma importância fundamental na vida do homem, pois quando falamos é necessário que haja uma comunicação simultânea, pois enquanto a boca fala é preciso ouvidos que ouçam, isso não acontece com a escrita, porque “o discurso escrito transcende o espaço e a duração” (QUEIROZ, 2005, p. 3),

o texto escrito não pode ser facilmente retido e para atingir um leitor não é preciso a presença de quem escreveu ou que esse processo se dê simultaneamente, como a língua falada.

Portanto, podemos entender o quanto a escrita é fundamental, pois ela sendo um objeto social, cria práticas de interação social entre os sujeitos, de modo que quem está escrevendo possa se compreender enquanto construtor da sua própria identidade, levando em conta todos os aspectos cognitivos e sociais que nela estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 296p.

PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

QUEIROZ, Rita Cássia Ribeiro de. **A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual**. In: VI CIFORM - Encontro Nacional de Ciência da Informação, 2005, Salvador. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf > Acesso em 06/02/2018.